
BARBOSA, Camilla Souza. Reflexão sobre a significação da água no espaço urbano de Macapá-AP. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 81-95, out. 2022

data de submissão: 06/07/2021
data de aceite: 18/10/2021

Reflexão sobre a significação da água no espaço urbano de Macapá-AP

Camilla Souza Barbosa

Camilla Souza BARBOSA é Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFPA); Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU/NAEA/UFPA); barbosascamilla@gmail.com

Resumo

O artigo reflete sobre a relação entre a significação e a produção de espaço urbano na cidade de Macapá-AP. Localizada na região amazônica e às margens do Rio Amazonas, a cidade tem suas origens atreladas a uma disputa territorial que configura um momento importante em sua história e no seu processo de formação espacial. Neste trabalho encontramos uma breve apresentação sobre a percepção do espaço associada à construção da cidade, sendo que em sua estrutura vemos o tema da relevância das significações construídas no espaço amazônico, com a abordagem sobre o desenvolvimento da cidade de Macapá como um produto histórico-social. Esta discussão faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento cujo tema é compreender as vivências e os traçados que procedem do Rio Amazonas como elemento configurador do espaço urbano.

Palavras-chave: cidade de Macapá-AP, espaço urbano, Rio Amazonas.

Abstract

This text addresses the complexity of the Amazonian municipality as an illustration for reflections on the need for South-Global urbanism to incorporate socio-environmental discussions. It departs from the theses on intraurban space structuring and on green and blue corridors with the support of literature review, historical maps, field research, data available in official bases and the use of geotechnologies. Along the way, the classic intraurban space was expanded, and from a perspective that acknowledges the territories of forest peoples as part of a variant of green and blue grid. It is concluded that to an extended urban corresponds an extended periurban, invisibilized and under strong pressure for its disappearance, but which is the bearer of solutions to socio-environmental crises and recent conflicts established between the historical city and the cycles and processes of nature.

Keywords: city of Macapá-AP, urban space, Amazon River.

Resumen

El artículo reflexiona sobre la relación entre el significado y la producción del espacio urbano en la ciudad de Macapá-AP. Ubicada en la región amazónica y a orillas del río Amazonas, la ciudad tiene sus orígenes vinculados a una disputa territorial que representa un momento importante en su historia y en su proceso de formación espacial. En este trabajo encontramos una breve presentación sobre la percepción del espacio asociada con la construcción de la ciudad, su estructura aborda los temas de relevancia de los significados construidos en el espacio amazónico y el desarrollo de Macapá como producto histórico-social. Esta discusión es parte de una investigación doctoral en curso cuyo tema es comprender las experiencias y los contornos que provienen del río Amazonas como un elemento de configuración del espacio urbano.

Palabras-clave: ciudad de Macapá-AP, espacio urbano, Río Amazonas.

Introdução

“O refúgio é um microcosmo” afirma Yi-fu Tuan (1974, p. 150) ao comentar sobre a percepção da realidade e as paisagens criadas pelo indivíduo. É interessante como as diferentes percepções da realidade possuem ressonâncias que afetam o espaço em que vivemos, Tuan (1974) indica a importância dos termos natureza, paisagem e cenário na transformação de como o mundo é percebido, que passou da escala do cosmo para a da paisagem, segundo o autor. A transformação da visão do mundo é indicada nas simbologias criadas pelo ser humano ao longo do tempo, os símbolos e mitos podem ser entendidos como um modo de transpor os pensamentos e as emoções que o rodeava. Schama (1995) reconhece que no processo de criação de paisagens ocorre a projeção de memória social e política, de modo que seja possível identificar temporalidades da paisagem relacionadas a diversidade de apropriações do espaço, que resulta em uma construção simbólica haja vista que “a paisagem é cultura antes de natureza” (SCHAMA, 1995, p.70).

Diversas paisagens podem ser criadas de acordo com a percepção de cada indivíduo sobre o espaço, uma vez que a significação do espaço é subjetiva aos que o ocupam (MEINIG, 2002). Com o intuito de compreender sociedade de determinado período histórico analisamos a paisagem socialmente construída, pois esta condiz com a realidade e cultura dos indivíduos envolvidos na construção de suas significações no espaço vivenciado (COSGROVE, 2002); desta maneira, é possível visualizar as relações sociais que integram a produção de determinado espaço.

Portanto, o presente artigo estrutura o debate sobre as nuances que entrelaçam o ser humano e a natureza na perspectiva das relações entre a cultura e o meio ambiente em determinado lugar (TUAN, 1974), sendo importante destacar que é resultado de uma pesquisa ainda em estágio inicial.

Às margens do Rio Amazonas

O espaço amazônico reúne significações criadas de acordo com imagens construídas ao longo do tempo. Pizarro (2012) indica que a construção discursiva sobre a Amazônia transita entre o imaginário e o mundo moderno, logo o início da construção da ideia de Amazônia, que se propagou de modo hegemônico pelo mundo, tem como ponto fundamental a exploração dos europeus séculos atrás. A invasão europeia representa o momento em que o imaginário sobre a

região passa a atingir novas sociedades, bem como representa quando o espaço passou a ser apropriado segundo o colonialismo. Além disso, é importante frisar que como resultado temos a construção de um imaginário do ponto de vista do colonizador, que contribuiu para a invisibilidade dos saberes e das culturas tradicionais (PAULA, 2017).

A água passou por diversas representações na cultura ocidental, como o mar que contemplava inicialmente uma imagem associada a catástrofes e mistérios, para mais tarde ser transformada, no século XVIII, passando ser associada ao lugar provedor de prazer e alegria (CORBIN, 1989). Durante os primórdios das explorações no espaço amazônico, a água era associada ao lugar da aventura e cobiça, onde os europeus almejavam encontrar poder e ouro (PIZARRO, 2012); como exemplo deste imaginário, de acordo com Pizarro (2012), os exploradores europeus denominaram o Rio Amazonas em alusão a criaturas da mitologia grega que eram conhecidas por habitar áreas próximas ao ouro.

Assim, a Amazônia passou a instigar sentimentos nas pessoas que escutavam os relatos sobre este paraíso na terra, para alguns seria onde encontrariam a cidade mitológica do El Dorado (MANTHORME, 1996) enquanto outros se interessariam em descobrir a sua fauna e flora; de uma maneira ou de outra, o fator em comum aos viajantes era o discurso eurocêntrico de que seriam capazes de revelar as riquezas que os próprios habitantes da Amazônia não conseguiam (PIZARRO, 2012). Neste contexto, temos a disputa das terras situadas nas margens do Rio Amazonas, na particularidade geográfica designada por Cabo Norte nos mapas europeus, que o povo tucuju conhecia por Yamapaba (REIS, 1949; RODRIGUES, 2011), e atualmente é a capital do estado do Amapá, Macapá.

A cidade de Macapá passa por modificações desde os primórdios da sua fundação, no século XVII, sendo inicialmente um lugar apropriado pelos povos indígenas e depois sendo associado como um local de cobiça de estrangeiros que logo passaram a ser os detentores do poder de produção do espaço. As ações que definem o surgimento de Macapá como produto histórico-social estão atreladas não somente aos desafios da conquista de suas terras pelos exploradores europeus, mas desde quando era chamada de lugar da chuva, Yamapaba, pelos indígenas tucujus (RODRIGUES, 2011). Apesar do ponto de vista do conquistador ser o que predomina nos relatos da história amapaense, é de grande importância buscar mais da perspectiva

indígena que tanto contribuiu na formação da cidade como o lugar que atualmente reconhecemos.

Para entendermos o desenvolvimento da produção de espaço urbano em Macapá é necessário apreender as diferentes temporalidades existentes na sua história, pois, de acordo com Pesavento (2005), a sua relevância seria tão notória quanto a reflexão sobre as formas construídas que permaneceram no espaço e foram capazes a resistir a passagem do tempo. Além do reconhecimento das temporalidades no espaço urbano com a ideia de “um lugar no tempo” (PESAVENTO, 2005, p. 11), trabalhamos também com a noção de Roncayolo (2016) sobre os lugares não se encontrarem isolados, mas sim dotados de relações com elementos externos, podendo ocasionar “encontros, travessias ou mesmo confrontos” (RONCAYOLO, 2016, p. 12).

Origens da cidade de Macapá-AP

A cidade de Macapá tem as suas origens atreladas à disputa de domínio territorial entre portugueses, espanhóis e franceses a partir do século XVI, que buscavam deter do controle deste ponto na costa do Novo Mundo para seguir os ideais mercantilistas. A disputa entre Portugal e Espanha tinha como contexto a divisão controversa determinada pelo Tratado de Tordesilhas firmado em 1494 (FAUSTO, 2012). Assim, um dos primeiros acontecimentos que se tem registro sobre tais terras da foz do Rio Amazonas é a concessão feita em 1544 a Francisco de Orelana pelo rei espanhol Carlos V, que determinou o explorador como “senhorio das águas e terras da bacia do grande rio” denominada de Adelantado de Nueva Andaluzia (REIS, 1949, p. 14); enquanto, do lado português da situação, houve a concessão de tais terras a Luís de Melo da Silva em 1553 pelo rei D. João III. Mas, no final, não houve desdobramentos destas concessões em função da morte destes beneficiários antes de iniciarem seus projetos de ocupação.

As terras, dotadas de importância estratégica no contexto político e econômico, necessitavam de ações para promover o seu povoamento e assim defender o território, deste modo, consideramos a disputa entre as potências como determinante para o desenvolvimento do processo de produção espacial da cidade que atualmente conhecemos por Macapá.

A linha do tempo de Macapá é delineada seguindo os fatos e momentos decisivos, o tempo é um elemento inexorável à compreensão da criação da cidade e de

sua identidade, pois segundo Lamas, “o tempo é fundamental para compreender o território como objeto físico” (LAMAS, 2004, p.111). Para entender o espaço concebido na atualidade é necessário observar tais momentos decisivos, pois, segundo Santos (2001), ao criar e depositar objetos em um determinado lugar ocorre a imposição de determinados ritmos à sociedade; e, deste modo, podemos configurar a importância destes objetos na construção do espaço urbano de Macapá.

A criação da Capitania do Cabo Norte pelo rei Felipe IV da Espanha em 1637 teve como um dos seus motivos a defesa do território da ocupação francesa que se expandia a partir de Caiena (REIS, 1949). Mas, ainda que o sistema de capitanias não tenha sido próspero em sua maioria (FAUSTO, 2012), a política de defesa perdurou como prática para garantir a conquista das terras às margens do Rio Amazonas. Dentre as consequências desta política na produção espacial temos a construção da Fortaleza de São José de Macapá, executada no período entre 1764 e 1782.

Segundo Reis (1949), um dos maiores problemas para a conquista do espaço amazônico era a “multidão gentia”, uma vez que “as tribos espalhavam-se por todo o vale, dando a impressão de verdadeiras multidões” (REIS, 1949, p. 32). Então, se fez necessário a atuação de religiosos na região, com o intuito de promover uma “conquista espiritual” sobre a população indígena que habitava a região.

A política de povoamento na Capitania do Cabo Norte também atuou com a convocação de casais açorianos para assegurar o desenvolvimento das terras que, apesar das boas experiências como lavradores, encontraram dificuldades com o clima e as endemias. Como resultado das iniciativas de povoamento, em 4 de fevereiro de 1758 houve a instalação da vila e o levantamento do Pelourinho (símbolo das franquias municipais) por Mendonça Furtado, governador geral do Estado do Grão-Pará e Maranhão.

O esforço nas tentativas de povoamento mostra como o espaço passou a ser imbuído de expectativas, mesmo com a disputa das terras e as dificuldades climáticas encontradas. O esforço dos colonos em povoar a região está atrelado aos objetivos políticos em que Portugal buscava mostrar a soberania nacional. Desta maneira, podemos ver como o espaço é um intermediário, como explica Lefebvre (2008, p. 44), ele é “um modo e um instrumento, um meio e uma mediação [...] o espaço é um instrumento político intencionalmente manipulado”.

Para Lefebvre (2008), o espaço está associado as relações de poder de determinados grupos da nossa sociedade, assim como:

“É um modo nas mãos de ‘alguém’, individual ou coletivo, isto é, de um poder (por exemplo, um Estado), de uma classe dominante (a burguesia) ou de um grupo que tanto pode representar a sociedade global, quanto ter seus próprios objetivos” (LEFEBVRE, 2008, p. 44-45)

Neste período da sua formação, Macapá detinha como intuito o desenvolvimento do seu espaço social, para assim fortalecer a sua principal funcionalidade de defesa do território, pois encontrava-se em área de fronteira e era uma necessidade a proteção contra a presença estrangeira (PICANÇO, 1981). As medidas de povoamento foram um meio da sociedade colonial produzir este espaço, uma vez que a sociedade constrói o espaço social de modo que este se torna o lugar dos objetos produzidos, pois o lugar compreende o resultado do trabalho e da divisão do trabalho (LEFEBVRE, 2008).

Água e ocupação

Por encontrar-se em uma localização estratégica, a disputa pelo domínio do território era uma situação recorrente desde o século XVI, assim, de acordo com Reis (1949), após a instauração da vila, o próximo passo para garantir a defesa do território foi a construção da Fortaleza de São José de Macapá. A construção da Fortaleza levou dezoito anos para ser concluída e durante este período a vila passou por intervenções urbanas que a dotaram de um traçado regular, além da malha urbana, a planta desenvolvida em 1761 também estabelecia uma distinção entre o núcleo da cidade e a área periférica (BRITO, 2014).

Ao longo dos anos a urbanização de Macapá foi sendo desenvolvida obedecendo o traçado inicial determinado pela concepção de 1761, o que resultou na determinação de um traçado imponente que não sofreu influências pela construção da Fortaleza, que por sua vez, passou por atrasos em sua construção por impasses políticos e pela mortalidade das epidemias da época, como indica Brito (2014). Mas, ainda assim, a Fortaleza de São José com seu desenho com quatro baluartes pentagonais nos vértices ainda conseguiu se tornar um dos maiores símbolos na cidade.

O desenvolvimento da forma urbana da cidade de acordo com todo o seu processo como produto histórico-social foi responsável pela valorização do es-



Figura 1
Um dos baluartes da Fortaleza de São José de Macapá, localizada na área central da cidade
Fonte: Fotografia da autora, 2019

paço urbano da orla de Macapá, sendo o resultado da materialização das ações dos agentes sociais que detém o poder de transformar o espaço (CARLOS, 2007; CORRÊA, 1989).

A orla da cidade de Macapá passou por uma grande intervenção com o plano urbanístico realizado pela empresa HJ COLE Associados em 1977, como afirma Silva (2017). Após a realização de um diagnóstico sobre as particularidades de Macapá, a empresa buscou elaborar medidas que seriam capazes de atrair investimentos no então Território Federal¹ e indicou potencialidades no mercado do turismo (COLE, 1977). Dentre as propostas do Plano Cole, havia a construção do Parque Beira Rio que era apontado como uma intervenção que seria relevante no soerguimento econômico do Território.

Para Brito (2014), a nova estruturação da margem do Rio Amazonas que alcançou o entorno da Fortaleza de São José contribuiu com desdobramentos que atingiram a economia local e comércio, uma vez que o Projeto Beira Rio incentivou o turismo na área. Todavia, apesar das melhorias ao mercado turístico, é relevante mencionar que a transformação urbana proporcionada pelo Plano Cole (1977) também foi responsável por destituir as margens do rio dos usos populares e tradicionais que caracterizavam a área.

¹ No governo do presidente Getúlio Vargas, de acordo com o Decreto-lei nº 5.812, houve a criação do Território Federal do Amapá em 13 de setembro de 1943, destacando a região do estado do Pará.



Figura 2
Nos dias atuais, o entorno da Fortaleza de São José de Macapá é voltado ao lazer e turismo
Fonte: Fotografia da autora, 2019

No processo de organização do espaço urbano dificilmente há lugar para os usos populares e as comunidades que estão atreladas a eles, pois no momento em que o espaço passa por uma valorização são as relações capitalistas que passam a comandar as relações socioespaciais (HARVEY, 1996). A transformação urbana que ocorreu na orla de Macapá afetou diretamente as dinâmicas socioespaciais desta parte da cidade, uma vez que houve um deslocamento dos usos populares para áreas mais periféricas.

Assim, na área central da cidade diminuiu drasticamente a presença dos usos atrelados a cultura ribeirinha. Usos que estão associados ao modo de vida dos ribeirinhos são muitas vezes vistos de modo pejorativo, em uma lógica que associa os espaços apropriados por essa população a espaços que necessitam de modernização, de acordo com os argumentos das elites econômicas (PONTE, 2010).

Apesar do uso do barco e da cultura ribeirinha serem os principais elementos da paisagem do rio na Amazônia (BARBOSA, 2018), os usos populares continuam sendo marginalizados e estigmatizados em cidades da região amazônica (PONTE, 2010); a própria noção sobre o "ribeirinho" está associada a um caráter pejorativo, como explica Ponte:

"[...] a figura do 'ribeirinho' é apropriada e acionada em pelo menos duas frentes diversas. A primeira relaciona-se com este perfil supostamente identitário, uno e consensual. A segunda tem aspectos de estigma; o ribeirinho — ou a noção de 'ribeirinho', amorfa e inespecífica como são os senso-comuns — pode representar uma cidade deteriorada, desperdiçando os potenciais que o território lhe permitiria caso houvesse adesão aos modelos hegemônicos de planejamento e desenho urbanos." (PONTE, 2010, p. 114)

Ademais, como parte da cultura ribeirinha, o barco representa o domínio das águas pelos ribeirinhos (XIMENES, 1992), sendo um produto do homem que encontra-se "historicamente circunscrito no tempo e espaço" (XIMENES, 1992, p. 60). A relevância das embarcações na vida ribeirinha é inestimável tanto pela sua funcionalidade no cotidiano como no que representam culturalmente, pois em conjunto com o porto e o trapiche, o barco interliga e diminui as distâncias dos que procuram na cidade o acesso à educação, cidadania e saúde.

Para Santos (2006), o espaço urbano é caracterizado pelo movimento dos agentes que atravessam o espaço com seus diferentes cotidianos, como exemplo temos os portos que presenciam o cotidiano dos feirantes, carregadores e barqueiros que trabalham nestes lugares. Na cidade de Macapá destacamos dois pontos que apresentam tais elementos de ocupação espacial, o Canal do Jandiá e o Igarapé das Mulheres.

Localizado no bairro do Pacoval, o Canal do Jandiá é caracterizado pelo mercado informal onde ocorrem atividades de embarque e desembarque de mercadorias e passageiros e de comércio informal (produtos oleiros e produtos da região), tendo o beneficiamento da madeira como principal atividade (SILVA, 2017). Em 2018 houve a desocupação de cerca de mais de 90 famílias que viviam na área de ressaca do Canal do Jandiá. As famílias foram contempladas com unidades habitacionais do Programa Minha Casa, Minha Vida no Conjunto Habitacional Macapaba II e tiveram as suas casas na área de ressaca demolidas (G1 AMAPÁ, 2018).

Situado no bairro do Perpétuo Socorro, o Igarapé das Mulheres é a denominação popular do lugar onde ocorrem atividades portuárias, com movimentação de embarcações de pequeno porte com passageiros e cargas, e o comércio de pescado e produtos provenientes do extrativismo vegetal e animal, como açaí, banana e mariscos (SILVA, 2017). Localizado nas proximidades da área central da cidade, na orla do Rio Amazonas, o Igarapé das Mulheres é nomeado em

função de ser o lugar onde as mães de família e serviços se dirigiam para lavar as roupas e tomar banhos (G1 AMAPÁ, 2016), o que designa um relevante valor cultural na orla da cidade.

De acordo com Meinig (2002, p. 53), “cada paisagem é uma acumulação”, assim o Igarapé das Mulheres concebe um espaço de acordo com as experiências e vivências dos indivíduos que o vivenciam em sua vida cotidiana. A água como zona de união (FEBVRE, 2000) também funciona como o ponto de convergência de diferentes significações construídas de acordo com a diversidade dos que vivenciam o espaço em contato com ela, sendo possível a concepção de vários pontos de vista sobre a mesma paisagem (MEINIG, 2002), neste caso sendo a orla da cidade de Macapá.

É importante destacar que a paisagem da orla apresenta uma diversidade de agentes sociais, e se faz necessário que todos sejam contemplados pelas intervenções urbanísticas realizadas pelos agentes detentores de poder. A ação destes agentes devem contemplar a totalidade dos agentes que estão presentes no espaço urbano da orla de Macapá, para que não ocorra segregação urbana ao excluir determinados agentes do direito à cidade (LEFEBVRE, 2008).

Entre a significação e a produção de espaço

Em Macapá temos o Rio Amazonas tomando parte da vida urbana, apresentando funcionalidades tanto no contexto econômico como no social, que determina relevância ao cotidiano dos que residem na cidade. Nas cidades em contato com cursos d’água temos o rio considerado como uma zona de união (FEBVRE, 2000), como um elemento conectivo ao espaço urbano e detentor de relações particulares com ritmos e itinerários envolvendo os indivíduos. Além da sua relevância a partir da concepção de Febvre (2000), o Rio Amazonas carrega toda a importância enquanto elemento essencial da região amazônica, da sua história e identidade.

O imaginário construído sobre a região amazônica teve o Rio Amazonas como uma figura central na criação de imagens e discursos desde a sua ocupação há séculos atrás. Num recorte mais recente, podemos apontar como estas concepções trouxeram diversas consequências vivenciadas no espaço, como a construção da imagem de paraíso ecológico e o discurso ambientalista utilizado para impulsionar o mercado turístico.



Figura 3

A Praia da Fazendinha é um dos lugares em que o Rio Amazonas se encontra presente no cotidiano da população, localizada afastada da área central da cidade, no distrito da Fazendinha

Fonte: Fotografia da autora, 2019

Para entender a relação entre a produção de espaço urbano de Macapá a partir da significação do Rio Amazonas é necessário compreender o modo em que a natureza é utilizada pelo homem e os processos que envolvem esta relação (McHARG, 1971). Segundo McHarg (1971), a compreensão do lugar da natureza na cidade se encontra associada ao reconhecimento dos valores sociais referentes aos processos naturais, em vista ao modo que os recursos naturais são utilizados.

A subjetividade existente na construção do espaço urbano corresponde a processos que, de acordo com Gottdiener (1985), envolvem, de modo dialético, relações sociais e espaciais, uma vez que o espaço é transformado à medida que as necessidades do capitalismo são impostas no espaço. Logo, não podemos caracterizar a produção do espaço urbano em Macapá como um processo de causa e efeito (GOTTDIENER, 1985), uma vez que o espaço é concebido à medida que ocorrem mudanças vividas enquanto sociedade (LEFEBVRE, 2008).

Para Gottdiener (1985), a transformação do espaço acontece de acordo com a complexidade das relações sociais e todo o seu caráter subjetivo, sendo assim, a compreensão do espaço vivenciado poder ser realizada a partir da perspectiva de diferentes temporalidades e indivíduos (agentes sociais).

Ao trabalharmos com as representações de espaço-tempo que a cidade oferece é interessante dedicar-se a duas formas específicas de apropriação do urbano relacionadas ao passado, a memória e a história (PE-SAVENTO, 2005). Para Pesavento (2005), é possível apreender o tempo através de uma narrativa sobre fatos passados, de modo que o seu discurso passa a compreender um caráter de permanência.

Ao tratarmos sobre a significação de algo remetemos ao seu sentido, para o filósofo Byung-Chul Han² (2019) o sentido em questão é construído em uma relação ou construção de relações:

A, B ou C ficam sem sentido, quando se rompe a construção que os mantém unidos. Também pode acontecer com uma palavra, caso ela fique toda esvaziada de referência, de perder totalmente o sentido (HAN, 2019, p.51-52).

E nesta construção de relações ocorre a significância do objeto/sujeito em questão, o que contribui para a complexidade existente entre o poder e o sentido:

O poder gera significância na medida em que forma um horizonte de sentido a partir do qual as coisas são interpretadas. Só em vista do poder elas se tornam significativas, só em vista do poder obtêm um sentido. A relação com o poder é constitutiva do sentido. (HAN, 2019, p.56-57).

O poder pode ser compreendido como um fenômeno que age na relação entre produção e significação, sendo que Han (2019) afirma que o próprio poder é uma relação. E, no âmbito deste trabalho, pontuamos como o indivíduo e a cidade de Macapá apresentam uma relação de poder de acordo com a significação construída. Entende-se que a complexa relação entre o indivíduo e a cidade está integrada a uma rede de significados e valores, sendo estes um produto da intervenção humana ao longo do tempo na cidade, remetendo à história do desenvolvimento da cidade de Macapá.

Para Pesavento (2005), o processo de criação de memória no contexto do espaço urbano compreende as esferas do mundo material e imaterial. Para repassar essa temporalidade apreendida é necessário que

² Byung-Chul Han é natural da Coreia do Sul, mas teve os seus estudos situados na Alemanha. Estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura Alemã e Teologia na Universidiae de Munique. Atualmente é professor na Universidade de Berlim e é um dos pensadores que vem discutindo sobre a sociedade atual. No livro "O que é poder?", utilizado neste artigo, Han discorre sobre as complexidades do poder além do modelo da causalidade, tratando do tema em relação ao ego, alter e self.

ocorra um processo em que a objetividade do tempo escoado (como a autora denomina) seja transformado em subjetividade, em que o indivíduo que a recebe possa compreender as significações dos seus discursos e imagens; desta maneira, os acontecimentos são fixados associados com a atribuição de significados.

De acordo com Roncayolo (2016), na relação com a cidade os lugares passam a ter vínculos de observação e reflexão criados com resistências e mutações. O espaço que um dia foi designado como Yamapaba ou Capitania do Cabo Norte já não é mais reconhecido apenas como espaço de convergência de dinâmicas sociais e econômicas, na verdade, ele passa a ser reconhecido em si próprio como um lugar, tendo suas significações, mitos e memória, de modo que "o espaço se conhece reconhecendo-se" (LEFEBVRE, 2008, p.44).

Considerações finais

A breve reflexão sobre a percepção do espaço e a cidade de Macapá propôs indicar a relevância de pesquisar o poder do Rio Amazonas sobre o espaço urbano, à medida que o entendimento do seu grau de mediação (HAN, 2019) seja possibilitado ao delinear as forças que agem entre a significação do rio e a produção de espaço urbano na cidade de Macapá.

A relação indissociável do urbano e do cotidiano são elementos essenciais à produção do espaço social (LEFEBVRE, 2008). O entrelaçamento entre a percepção e a produção do espaço urbano tem a subjetividade do ser humano como ponto em comum, trabalhando com as estruturas sociais que são construídas com suas próprias temporalidades à medida que o espaço passa a ser apropriado pelos indivíduos. O indivíduo apresenta uma relação com a cidade de pertencimento e propriedade em que o ser humano é caracterizado, segundo Roncayolo (2016, p. 12), como "uma testemunha privilegiada, não por sua neutralidade, mas por sua subjetividade em escalas cada vez mais variáveis".

Referências

BARBOSA, Camilla S. *Planos e Usos na Orla de Belém-PA*. 183f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, 2018.

BRITO, Jaqueline F. de L. *A Fortaleza de Macapá como monumento e a cidade como documento histórico*. 264f. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014.

- CARLOS, A. F. A. *O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- COLE, H. J. Associados S.A. Brasil. *Consultoria de Planejamento Urbano, Arquitetura e Turismo. Documento síntese*. Rio de Janeiro, 1977.
- CORRÊA, Roberto L. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- COSGROVE, Denis. *Observando la Natureza: el Paisaje y el Sentido Europeo de la Vista*. Boletín de la A.G.E, nº 34, 2002.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- FEBVRE, L. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- G1 AMAPÁ. *Justiça cumpre reintegração de posse de 92 casas em área da Infraero em Macapá*. Disponível em: < <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2018/08/27/justica-cum-pre-reintegracao-de-posse-de-92-casas-em-area-da-infraero-em-macapá.ghtml> > Acesso em: 16 set. 2019.
- G1 AMAPÁ. *Perpétuo Socorro, ou 'P. Help', é o bairro com a 'cara' de Macapá*. Disponível em: < <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2016/02/perpetuo-socorro-ou-p-help-e-o-bairro-com-cara-de-macapá.html> > Acesso em: 16 set. 2019.
- GOTTDIENER, M. *A Produção do Espaço Social*. São Paulo: EDUSP, 1985.
- HAN, Byung-Chul. *O que é o poder?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- HARVEY, D. *Do Gerenciamento ao Empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio*. São Paulo: Espaço & Debates, n. 39, pp. 48-64, 1996.
- LAMAS, J. M. R. G. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.
- MANTHORNE, K. *O Imaginário Brasileiro para o Público Norte-Americano do Século XIX*. Revista USP, Brasil, n. 30, p. 58-71, 1996.
- McHARG, I. L. *Design with Nature*. New York: American Museum of Natural History, 1971.
- MEINIG, D. *O olho que observa: dez versões da mesma cena*. Espaço e Cultura, n. 13, 2002.
- PAULA, E. *Os saberes e valores indígenas transformando os processos de escolarização. Saberes e Identidades: Povos, Culturas e Educações*. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 355-372, maio/ago. 2017
- PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PESAVENTO, Sandra J. *Cidade, Espaço e Tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano*. Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio.V. II, nº 4. Pelotas: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2005.

PONTE, 2010. *Cidade e Água no Estuário Guajariano*. 318 f. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

REIS, Arthur C. F. *Território do Amapá – Perfil Histórico*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

RODRIGUES, Randolfe. *Amapá: a epopeia de um povo!* Disponível em: < <https://congressoemfoco.uol.com.br/opinioao/colunas/amapa-a-epopeia-de-um-povo/>> Acesso em: 10 set. 2019

RONCAYOLO, Marcel. *Le Géographe dans as Ville*. Parenthèses, 2016.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, Milton. *O Tempo nas Cidades*. Coleção Documentos, série Estudos sobre o Tempo, fascículo 2, fevereiro de 2001.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Suéllen C. de O. da. *Orlas fluviais das cidades de Macapá e Santana: análise da dinâmica urbana*. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Macapá, 2017.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial SA, 1974.

XIMENES, Tereza. *O barco na vida do ribeirinho*. In: XIMENES, Tereza. et al. *Embarcações, homens e rios na Amazônia*. Belém: UFPA, 1992. p. 53-72.